

A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E O ACOLHIMENTO BRASILEIRO

Regina Zilberman
PUC-RS

- **RESUMO:** *Revisando a recepção da Escola de Constança (Jauss e Iser), percebe-se que seus principais textos foram traduzidos entre 1979 e 1984 (como na França e antes mesmo dos Estados Unidos). A idéia central de Jauss é reabilitar a historicidade do texto literário, sem perder de vista a consideração sobre o valor e a experiência estética. A estética da recepção corresponde à concretização das potencialidades de leitura. A estética do efeito, de Iser, parte da análise do texto, a fim de verificar como se compõe a matéria narrativa, para suportar, sem perder a identidade, a interferência do leitor. O artigo resume a difusão, no âmbito do ensino universitário, das concepções teóricas e metodológicas da Escola de Constança, por professores e pesquisadores da PUCRS, de Porto Alegre (GS), os quais comprovam a aplicabilidade das propostas da Estética da Recepção e revelam que ela dá margem a interpretações inusitadas de obras consagradas. Um campo muito propício dos estudos recepcionais deu-se com a Literatura Infantil. A Estética da Recepção tem seu lugar na teoria literária pela qualidade de questionar a noção idealista de texto literário e pela facilidade da teoria para a prática.*
- **PALAVRAS-CHAVE:** *Hans Robert Jauss; Wolfgang Iser; História da Literatura; Experiência Estética; Literatura Infantil.*
- **ABSTRACT:** *This paper review the reception of the school of Konstanz in Brazil. The most important text are publicated between 1979 and 1984. The idea of Jauss is a rehabilitation of history of literature, without lose the question of the esthetic experience. The act of reading in his especiality is the point of convence in Jauss (reception) and Iser (effect). This text shows the work of many academics about the proposal of Konstanz. The esthetic of reception hold an important place in the modern theory of literature after the structuralism.*
- **KEY WORDS:** *Hans Robert Jauss; Wolfgang Iser; History of Literature; Experience; Esthetic; Infantile Literature.*

As principais concepções de Hans Robert Jauss começaram a circular no Brasil ao final dos anos 70, no rastro da publicação da coletânea organizada por Lima (1979), *A literatura e o leitor*. O professor da Universidade de Constança tinha lançado, em 1970, *Literaturgeschichte als Provokation* [A História da Literatura como provocação] Jauss (1970), reproduzindo a já então renomada aula magna de 1967, cujo impacto motivara notáveis

alterações no panorama dos estudos acadêmicos na Alemanha; em 1977, editara *Ästhetische Erfahrung und literarische Hermeneutik* [Experiência estética e hermenêutica literária] Jauss (1977), em que avança as reflexões na direção de estabelecimento de uma ciência da interpretação de objetos artísticos fundada na resposta do destinatário. A tradução, no ano de 1979, de capítulos desse último livro indica que o aparecimento de *A literatura e o leitor* não era anacrônico; na França, *Pour une esthétique de la réception*, contendo estudos que Hans Robert Jauss escrevera ao final dos anos 60 e início de 70, viera a lume em 1978, e nos Estados Unidos, *Towards an Aesthetic of Reception*, reunião de ensaios equivalente à edição francesa, apareceu mais tarde, em 1982.

Poucos anos depois, Lima (1984) revisa a antologia de textos básicos *Teoria da Literatura em suas fontes*, proposta anos antes. Divide a nova versão em dois volumes e acrescenta um segmento dedicado à Estética da Recepção. Pode-se, assim, balizar entre 1979 e 1984 o período em que as idéias principais daquela corrente teórica se introduzem no Brasil, contemporaneamente à sua difusão em duas importantes praças do Hemisfério Norte: a França, usualmente avessa a traduções de pesquisadores estrangeiros e que, em 1979, logo depois de *Pour une esthétique de la réception*, ainda dedicou um número da prestigiada revista *Poétique* a ensaios de Hans Robert Jauss e seus parceiros da Universidade de Constança; e os Estados Unidos, que, nos anos 80, fruto da expansão, na universidade e associações profissionais dedicadas aos estudos literários, do Desconstrutivismo e dos Estudos Culturais, abriam suas portas às tendências mais diversificadas do pensamento europeu.

Ambos os livros organizados por Luiz Costa Lima abrigavam, sob o mesmo teto, os dois principais nomes da chamada Escola de Constança: Jauss e Iser. O primeiro, pesquisador sobretudo de literatura francesa, tendo dedicado sua tese de doutorado ao romance de Marcel Proust, elegeu a história da literatura como matéria principal de reflexão: o estudo *A História da Literatura como provocação da ciência literária* resume algumas de suas

idéias principais e modo de trabalho:¹ quer reabilitar a historicidade do texto literário, sem perder de vista a consideração sobre o valor e a experiência estética; tal propósito somente se realiza se se levar em conta o processo de atualização por que passam as obras ao longo do tempo. A recepção corresponde à concretização das potencialidades de leitura que cada criação artística carrega consigo; não quer dizer que sejam sempre iguais — pelo contrário, diferem, respondendo a diferentes questões que cada época coloca a um texto. A Estética da Recepção, como proposta metodológica, coleta as perguntas colocadas às obras ao longo do tempo; o resultado é uma história da literatura que verifica, não a seqüência de autores e suas criações cristalizadas num momento passado, mas, sim, como se deu e vem ocorrendo a comunicação desses produtos de cunho artístico com o público, representado especialmente pelos seus segmentos mais avançados, a saber: a crítica e o ensino.

Wolfgang Iser não é um historiador da literatura, mas, como Jauss, dirige sua atenção, pelo menos em seus dois primeiros livros, cujos títulos são suficientemente expressivos desse propósito, *O leitor implícito*, Iser (1972) e *O ato de ler*, Iser (1976) para as maneiras como se verifica o processo de leitura. A expressão que cunha, “leitor implícito”, parece responder à noção adotada pelo crítico norte-americano, Booth (1973), em *A retórica da ficção*, de “autor implícito”, categoria intermediária entre o autor real, motivo da história e de biografia, e o narrador, função diversificada que se modifica a cada obra escrita. Tal como o “autor implícito”, o “leitor implícito” é uma virtualidade, encarnada ou não por um indivíduo histórico, mas pressuposta pelo texto, logo, apta a ser analisada, conforme procede Iser ao longo do volume que carrega esse título. *O ato de ler* expande-se em considerações teóricas, verificando como se compõe a matéria narrativa, para suportar, sem perder a identidade, a interferência do leitor que se intromete sob a forma da leitura.

¹ Cf. a edição brasileira (Jauss, 1994).

Iser é um estudioso da literatura em língua inglesa, de modo que seus principais exemplos, em *O leitor implícito*, provêm da tradição britânica. *O ato de ler* não comporta aplicações da teoria, mas, quando o autor se dedica à análise de obras, também as elege a partir do elenco extraído do patrimônio literário da Inglaterra. Logo, por formação e escolha do foco teórico, Iser e Jauss diferenciam-se bastante, embora isso não queira dizer que não possam ser alinhados a uma corrente comum de pensamento, nem serem aproximados, quando da organização de uma coletânea de ensaios ou da discussão de suas idéias. Afinal, desde os anos 60, pertenceram ao mesmo grupo de investigadores que publicaram seus ensaios na coleção *Poetik & Hermeneutik*, cujos volumes foram lançados regularmente a cada dois anos pela editora Fink, de Munique. E aparecem juntos na primeira seleção de ensaios dedicados à Estética da Recepção, reunida por Warning (1975), denominada, como não poderia ser diferente, *Rezeptionsästhetik* [Estética da Recepção]. No mesmo ano, Jauss (1975) escreve um estudo em que revisa a trajetória da já então consagrada corrente de idéias, *Der Leser als Instanz einer neuen Geschichte der Literatur* [O leitor como instância de uma nova história da literatura], estabelecendo as diferenças entre suas concepções e as de Iser, sem deixar, contudo, de aceitar a vizinhança e afinidade de suas respectivas pesquisas.

Quando Lima introduz as teses da Estética da Recepção ao público brasileiro, ele está colaborando para a expansão do ideário da Escola de Constança para fora da Alemanha, nas décadas de 70 e 80 ainda repartida entre o Oeste capitalista e o Leste comunista. Os anos 80 assistem à discussão, ampliação e aplicação das propostas originárias do pensamento de Jauss e Iser, que tomaram direções aqui resumidas:

a) na esteira de *O leitor implícito*, examina-se o lugar do leitor no texto narrativo, verificando a comunicabilidade do texto, seu grau de experimentalismo e interesses pragmáticos envolvidos;

b) acompanhando a proposta de revisão da história da literatura, reivindicada por Jauss, em *A história da literatura como*

provocação, recuperam-se as leituras de que certas obras foram objeto e reconstrói-se o horizonte com o qual elas dialogaram, de que resulta o diagnóstico relativo à atualidade delas e o impacto que causaram no decurso do tempo;

c) ultrapassando a metodologia associada à história da literatura, mas mantendo-se fiel ao propósito de valorizar o lugar do destinatário no texto literário, estabelecem-se tipologias de leitor e pesquisam-se as representações do processo de leitura por parte de narradores e personagens;

d) apoiando-se na noção de emancipação, de uma parte resultado, conforme Jauss, em *A história da literatura como provocação*, da obra literária que rompe os paradigmas dominantes na época de sua produção, de outra, efeito do processo de leitura enquanto tal, propõem-se pesquisas aplicadas que investigam a formação dos leitores, a circulação de livros na escola, a reação a textos inovadores e a textos convencionais, com o objetivo de valorizar a aprendizagem e o consumo de ficção e poesia dentro e fora da sala de aula.

Pode-se exemplificar a difusão, no âmbito do ensino universitário, das concepções teóricas e metodológicas emanadas dos principais nomes da Escola de Constança, fazendo referência ao trabalho desenvolvido por professores, pesquisadores, doutorandos e mestrandos atuantes no Curso de Pós-Graduação em Letras (CPGL), da PUCRS, de Porto Alegre (RS). Centro pioneiro no que se refere à incorporação de teses e propósitos da Estética da Recepção a suas linhas de pesquisa, o CPGL traduz de modo sintético os rumos assumidos pelos projetos que tomam sobretudo Jauss e Iser como inspiradores das lides intelectuais. Sem ter sido o único espaço em que frutificaram noções de teor recepcional, o CPGL tem meios de, na situação de recorte, representar o conjunto, indicando os resultados alcançados não apenas no enraizamento de concepções originárias dos autores citados, mas no alargamento e na aplicação delas a contextos e a condições peculiares, considerada a singularidade das atividades acadêmicas no Brasil.

Destaquem-se primeiramente dissertações de mestrado e teses de doutorado dedicadas à exposição dos conceitos básicos da teoria recepcional, que, introduzidos no começo dos anos 80, ainda não eram suficientemente conhecidos. Nesse sentido, destacam-se os estudos, em nível de mestrado, de Telló (1983), *O leitor e a obra de arte literária*, e de Saft (1984), *Funções, recepção e efeito estético nos textos literários*, que sumariam de modo crítico os pontos de vistas originais de Iser e Jauss, verificando ainda a validade de sua metodologia quando dirigida ao conhecimento da literatura brasileira. Trabalhos de ordem aplicada, em que as formulações de Jauss fornecem o embasamento metodológico, são: *A recepção crítica da obra de Lima Barreto: 1907-1987*, de 1988, em que Lozano Dias recupera a crítica da obra do romancista Lima Barreto; *As Memórias do romancista: Manuel Antônio de Almeida na crítica literária brasileira (1861-1991)*, de 1993, em que Giacomelli registra a recepção, durante os séculos XIX e XX, do folhetim romântico escrito pelo jornalista fluminense; e *Memórias de um sargento de milícias: do encalhe à reedição*, de 1996, em que Azambuja Barbará, igualmente elegendo a obra de Manuel Antônio de Almeida como assunto, indaga as razões por que aquele livro, inicialmente ignorado pela crítica e pelo público, foi-se tornando atraente, motivando o público a procurá-lo.

Pesquisa de ordem aplicada é ainda o estudo de Fiss (1995), cuja direção metodológica apóia-se, de um lado, no conceito de leitor implícito desenhado por Iser, a que amalgama, de outro, o projeto hermenêutico descrito por Jauss (1984) em *O texto poético na mudança de horizonte de leitura*. O resultado, colocado em *A normalista, de Adolfo Caminha: do leitor à leitura*, revela que a Estética da Recepção efetivamente dá margem a interpretações inusitadas de obras consagradas, ajudando a compreender sua posição no tempo, quando de seu aparecimento e, depois, acompanhando a circulação e consumo de que foi objeto. Igualmente comprometido com o projeto historiográfico de Jauss e verificando sua aplicabilidade à descrição e interpretação de um *corpus* literário singular é a tese de doutorado de Magalhães,

Horizonte de leitura e crítica literária: a recepção da literatura piauiense (1900 - 1930), de 1997, que recupera o panorama cultural de um período histórico de dada literatura regional e examina sua interlocução com os paradigmas da crítica e da poética em seu tempo de aparecimento.

O livro que publicamos, *Estética da Recepção e História da Literatura* (Zilberman, 1989), resenha, dez anos depois da coletânea de Luiz Costa Lima, as linhas de força do pensamento de Jauss, procurando traçar sua trajetória no que se refere à passagem das preocupações com o lugar e a função da História da Literatura para a fundação de uma hermenêutica literária apoiada na experiência do leitor. Este último foco é objeto, por sua vez, da tese de doutorado de Mélo Barros, *Hermenêutica e literatura. Pressupostos teóricos de uma hermenêutica literária em Heidegger, Gadamer, Ricoeur e Jauss*, de 1993, que rastreia o percurso dessa ciência, desde seu aparecimento e consolidação, com Schleiermacher e Dilthey, para chegar às proposições de seus porta-vozes mais credenciados, dentre os quais destaca Jauss enquanto esforço por amalgamar uma teoria da interpretação às possibilidades de aferição do valor estético de uma obra designada como artística.

A Estética da Recepção, conforme Jauss (1975) a descreve, não tem a pretensão da originalidade; pelo contrário, recorre às conclusões de diferentes correntes de pensamento para ali colher elementos que facultem uma compreensão mais adequada da obra literária, bem como de seus modos de comunicação com o leitor. Da mesma maneira, sua metodologia forma-se de sugestões emanadas de tendências diversas, com o fito de obter, por um lado, o reconhecimento da natureza emancipatória de todo texto literário, por outro, a aplicabilidade à interpretação de produtos diversificados que lidam com a expressão verbal. Conseqüência da permeabilidade e flexibilidade da teoria é a possibilidade de ultrapassar o campo específico da obra literária e ocupar-se: com o mundo do leitor, verificando seus interesses; com o âmbito da escola e do ensino, examinando como se constrói o mundo do leitor; com gêneros não necessariamente canônicos,

mas que igualmente se deparam com a necessidade de se mostrarem originais e questionadores.

Nesse sentido, uma das primeiras repercussões dos estudos recepcionais deu-se no campo da Literatura Infantil. Na Alemanha, as reflexões sobre a produção literária destinada à criança se apropriaram rapidamente de conceitos extraídos de Iser (1979) — como a noção de assimetria entre o texto e o destinatário — e de Jauss (1974)² — como o conceito de identificação aplicado às relações entre o herói e o leitor. No Brasil, constata-se similar migração de conceitos, como pode sugerir nossos ensaios, *A literatura infantil e o leitor* (Zilberman apud Zilberman & Magalhães, 1982) e *Literatura infantil: livro, leitura, leitor*, Zilberman (1982), bem como a tese de doutorado *Literatura infantil brasileira na década de 70: a caminho da polifonia*, de Ana Mariza Ribeiro Filipouski, defendida em 1988. O exame do processo da leitura literária em livros dirigidos ao público infantil, privilegiando os intercâmbios entre o texto e o leitor, aparecem em dois outros estudos que conferem à ficção de Lygia Bojunga Nunes posição de destaque: *A atividade imagética do leitor em Corda Bamba*, de Lygia Bojunga Nunes, de Luiza Vilma Pires Vale, concluído em 1992, e *Eu conto, tu lêes, nós construímos — o narrador e o leitor em Lygia Bojunga Nunes*, de Henrique Silvestre Soares, de 1995.

Igualmente investigações voltadas a observar como se deu a formação de leitores, sejam ou não profissionais, como críticos literários, tradutores ou professores, encontram na Estética da Recepção sua base conceitual e metodológica. Amparada em tais pressupostos, Aguiar (1979), devassou os *Interesses de leitura dos alunos do currículo por áreas de estudo do 1º grau* e, em 1988, estudou como acontece a *Comunicação literária na pré-escola: elementos históricos e ficcionais do texto narrativo*. Por sua vez, Mota (1990) indagou quais seriam os *Fatores de interferência no processo de formação do leitor*, considerando a realidade da cidade de Aracaju, no Sergipe. Jardim (1991), preferiu

² Reformulado parcialmente em (Jauss, 1977).

abordar os *Hábitos e interesses dos alunos trabalhadores do 1º grau noturno: comprometimento e alienação da escola*, lidando com estudantes residentes em Porto Alegre. Da sua parte, Noronha (1993), abordou histórias de leitores, procurando entender *A formação do leitor de literatura*. Tendo como sujeitos docentes de literatura atuantes nos três graus de ensino e valendo-se de entrevistas diretas, Rolla elaborou a tese *Professor: perfil de leitor*, classificando o leitor conforme o padrão qualitativo do modo como se relaciona com textos literários.

Embora não corresponda ao *main stream* do pensamento crítico brasileiro dos últimos 25 anos, dominado hoje pelo impacto sobretudo dos Estudos Culturais, a Estética da Recepção, a se tomar como exemplo a produção proveniente do Curso de Pós-Graduação em Letras, não deixou indiferentes os pesquisadores nacionais. Se percorridos outros conjuntos de teses, dissertações e produção bibliográfica de pesquisadores atuantes nos programas oficiais de pós-graduação, vinculados a instituições de ensino superior, chegar-se-á provavelmente a resultados similares. O interesse decorre dos méritos da base teórica e que não podem ser negligenciados, a saber:

a) ela questiona a noção idealista de texto literário: entendendo-o como produto de circunstâncias históricas e ideológicas, com as quais dialoga e diante das quais se posiciona, mostra-o como objeto isento de sacralidade, próximo do leitor e seu aliado no processo de emancipação a que ambos visam; por consequência, estabelece uma ponte entre a literatura e a vida prática, facilitando o intercâmbio e a interlocução entre as duas. A literatura perde a aura, de que falava Benjamin (1973) a propósito da cultura de massa, sem renunciar ao elemento questionador de ruptura, o que aquele filósofo não previa, valorizando-se enquanto parte da sociedade insatisfeita, mas capaz de formular uma utopia regeneradora para além do presente. A obra fica mais próxima do leitor, e este sente-se mais à vontade para estudá-la enquanto estrutura de comunicação e fenômeno histórico.

b) Transita com facilidade da teoria para a prática, dos fundamentos para a metodologia, da compreensão para a

aplicação, já que o pressuposto, a hermenêutica, incide na transferência da tese genérica para o caso específico, que é, relativamente à Estética da Recepção, a experiência estética. Está vem em último lugar na cadeia de pensamento, mas desempenha o primeiro enquanto preocupação do autor, seja o criador literário, seja o intérprete, seja o filósofo da literatura, a saber, o próprio Jauss, que formula essa proposta. Assim, a Estética da Recepção pode desembaraçar-se da academia, onde nasceu, e questionar o leitor comum, o aluno na escola, o professor no seu trabalho. Os sujeitos igualmente interessam ao pesquisador, assim como gêneros mais populares, porque mais consumidos, como a Literatura Infantil. Sem se tornar uma teoria *prêt-a-porter*, como se revelou o Estruturalismo e a Semiótica Narrativa em certos períodos de sua história, a Estética da Recepção pode ser utilizada quando se precisa dar a conhecer a realidade cotidiana, o dia-a-dia, os hábitos e costumes dos indivíduos. Quando assim procede, abre mão da pose institucional que a universidade às vezes confere à pesquisa; mas não abdica da seriedade interrogativa, fazendo com que seus resultados ajudem a nos conhecer melhor enquanto leitores, artistas e consumidores.

Sua permanência nos estudos literários não depende de moda ou prestígio; advém de suas qualidades próprias, e como tal permanece vigorando entre nós e oferecendo direções dignas de serem investigadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. A obra de arte da época de sua reprodução mecânica. In: _____. *Discursos interrompidos I*. Madrid: Taurus, 1973.
- BOOTH, Wayne. *The Rhetoric of Fiction*. 10. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1973.
- ISER, Wolfgang. *Der implizite Leser*. München: Fink, 1972.
- _____. *Der Akt des Lesens*. München: Fink, 1976.

- _____. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- JAUSS, Hans Robert. *Literaturgeschichte als Provokation*. Frankfurt: Suhrkamp, 1970.
- _____. Levels of Identification of Hero and Audience. *New Literary History*. V. 5, n. 2, p. 283-317, 1974.
- _____. Der Leser als Instanz einer neuen Geschichte der Literatur. *Poetica*. N. 7, p. 235-44, 1975.
- _____. Racines und Goethe *Iphigenie*. Mit einem Nachwort über die Partialität der Rezeptionsästhetischen Methode. In: WARNING, Rainer. *Rezeptionsästhetik*. München: Fink, 1975.
- _____. *Ästhetische Erfahrung und literarische Hermeneutik*. Frankfurt: Suhrkamp, 1977.
- _____. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 1978.
- _____. *Towards an Aesthetic of Reception*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982.
- _____. O texto poético na mudança de horizonte de leitura. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *Teoria da Literatura em suas fontes*. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1984. V. 2.
- _____. *A História da Literatura como provocação da ciência literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- LIMA, Luiz Costa (Org.) *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. *Teoria da Literatura em suas fontes*. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1984. 2v.
- WARNING, Rainer. *Rezeptionsästhetik*. München: Fink, 1975.
- ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil e o leitor. In: _____, MAGALHÃES, Lígia Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1982.
- _____. Literatura infantil: livro, leitura, leitor. In: _____ (Org.). *A produção cultural para a criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- _____. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.